

Burnout: uma ameaça invisível, mas real

Gilson Xavier de Azevedo

Mestre em Ciências da Religião pelo Cethel-SP. Professor Titular de Filosofia do Direito pela FAQUI. Professor Titular de Políticas Públicas e Saúde profissional pela UEG.

Resumo: O artigo pretende analisar os aspectos histórico, laboral e social do desenvolvimento do stress em professores, caracterizado por um esgotamento sistêmico da estrutura motivacional, psíquica e por vezes física do indivíduo ou do coletivo onde atua. Esta pesquisa é o resultado de uma revisão de literatura sobre o que se entende hoje por Síndrome de Burnout; doença que vem acometendo cada vez mais professores no mundo. O aparecimento acaba por levar o indivíduo ao abandono da profissão. Uma pesquisa desenvolvida pela Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2008 revelou que quinze de cada cem professores do ensino fundamental e médio das redes particular e pública, têm a doença. No sentido de se ampliar a compreensão sobre o crescente problema profissional que, além de professores, acomete também profissionais de saúde, controladores de voo, motoristas de ônibus e profissionais da administração de empresas, serão feitas considerações sobre aspectos relacionados ao aparecimento histórico da doença, suas principais causas e as mais relevantes definições do distúrbio recorrendo-se aos pesquisadores do assunto.

Palavras-chave: Burnout – stress e trabalho – Síndrome do abandono – Trabalho docente – trabalho e saúde mental.



Estresse.

Fonte: www.unimedmachado.com.br/stress.htm

Considerações iniciais

Nos últimos vinte e oito anos, extensas mudanças ocorreram no campo do conhecimento humano. A privatização se tornou realidade em vários capôs sociais, a violência e a indisciplina social acabaram por chegar aos bancos da escola pública e priva-

da, além das muitas formas de tratamento que a profissão professor vivenciou por parte de governos e empresas, e que trouxeram para a sociedade latina um agravamento das relações de trabalho no âmbito da educação, ocasionando o aparecimento de doenças como o Burnout.

O termo burnout, que na década de 70 era conhecido por “estafa”, pode ser definido como um estado de completa exaustão física, mental e emocional ocasionado pelo desgaste nas relações pessoais, sociais e educativas. Seus sintomas são: desmotivação ou desinteresse; mal-estar interno e insatisfação ocupacional que parece afetar, em maior ou menor grau, algumas categorias ou grupos profissionais; além da diminuição do nível de satisfação profissional; aumento das condutas de risco; inconstância de empregos são cada vez mais comuns e intensos entre os professores.

Diante dessa problemática, especialistas vêm apontando o que seria uma nova forma de deterioração profissional chamada burnout. É sobre esta doença e seus decorrentes que este artigo pretende discorrer, de modo a enumerar causas, sintomas e sobretudo as soluções que têm sido apontadas para sua prevenção e tratamento.

Origem do burnout

As pesquisas sobre a Síndrome de Burnout têm no máximo cinquenta anos; no entanto já existe um consenso acerca da origem da doença. Inicialmente, o leitor deve ser advertido de que não se trata de um vírus, bactéria, embora se aponte que hoje a doença seja “psicologicamente contagiosa”. O cansaço emocional, aliado a alguns fatores de risco como pressão no ambiente de trabalho advinda da instabilidade emocional de quem exerce autoridade, atrasos no pagamento de salário e falta de colaboração, são o coquetel perfeito para fazer eclodir (surgir de dentro) o burnout.

O termo "Síndrome de Burnout" foi desenvolvido na década de setenta nos Estados Unidos por FREUNDERBERGER (1974). Ele observou que muitos voluntários com os quais trabalhava, apresentavam um processo gradual de desgaste no humor e ou desmotivação. Geralmente, esse processo durava aproximadamente um ano, e era acompanhado de sintomas físicos e psíquicos que denotavam um particular estado de estar "exausto" (GUIMARÃES & CARDOSO, 2002, p. 1).

J. Bradley teria publicado um artigo em 1969, falando de um suposto staff burn-out, dando a entender um desgaste de profissionais e propondo medidas organizacionais de enfrentamento (SCHAUFELI; EZMANN, 1998). Ainda na década de setenta o conceito de Síndrome de Burnout passou a ser mais bem entendido a partir dos fatores pressão e estresse ocupacional, principalmente em setores que desenvolvem serviços sociais, como aponta Cherniss (1980) em seus estudos. Ambos, porém, são concordes ao propor uma relação direta entre o exacerbado aumento de produção e produtividade proposto pelos modelos Fordista/Taylorista e o surgimento do que ficou conhecido desde então por “doenças do trabalho”.

Nos anos oitenta, os Estados Unidos lideraram as pesquisas e o conceito passou a ser investigado no “Canadá, Inglaterra, França, Alemanha, Israel, Itália, Espanha, Suécia e Polônia” (Guimarães; Cardoso, 2002, p. 1). O método conhecido como Maslach Burnout Inventory (1993) tornou-se muito utilizado desde então para identificar a doença.

Já no Brasil, a primeira publicação se deu em 1987, sob o título: ‘A síndrome de “burnout” que saiu na *Revista Brasileira de Medicina*. Na década de 90, teses e outras publicações começam a ser produzidas, especificando quais os focos da doença na sociedade brasileira, sendo que em 6 de maio de 1996 (BENEVIDES, 2003, p. 1), a síndrome de burnout é incluída no Anexo II da regulamentação da Previdência Social no que se refere aos Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais.

Mesmo com estas pesquisas sendo desenvolvidas, os responsáveis e profissionais da saúde no Brasil não tinham ainda pleno conhecimento e preparo para identificar e tratar coerentemente a doença, chegando a cometer absurdos ao medicar pessoas em processos burnout como se fossem casos de estresse ou depressão, não melhorando em nada a condição do paciente, nem atingindo os reais agentes causadores da doença; dentre os quais se pode destacar a questão salarial, a impossibilidade de errar (que acomete controladores de vôo e policiais), e a falta de resultados. Segundo a psicóloga Ana Maria Rossi, presidente da Isma (International Stress Management Association) no Brasil, o burnout é o nível de estresse mais devastador, podendo causar depressão profunda. Para ela, somente o afastamento imediato do ambiente de trabalho e um tratamento que envolve terapia, meditação e em casos específicos a medicação, podem reverter o quadro.

Benevides (2003, p. 2) irá mencionar as várias expressões utilizadas no Brasil para se determinar a doença, e a dificuldade de mapear por completo tais concepções e nomes; ele irá apontar para o:

[...] estresse laboral para assinalar a associação necessária ao mundo do trabalho (Büssing & Glaser, 2000; González, 1995; Herrero, Rivera & Martín, 2001; Schaufeli, 1999b), ou estresse profissional (May & Revich, 1985, Nunes, 1989), ou estresse assistencial, estresse ocupacional assistencial ou simplesmente estresse ocupacional evidenciando a maior incidência entre aqueles que se ocupam em cuidar de pessoas, independentemente do caráter profissional ou trabalhista (Carlotto, 1999; Firth, 1985; Shoröder, Martín, Fontanais & Mateo, 1996). Localizamos a expressão síndrome de queimar-se pelo trabalho (Gil-Monte & Peiró, 1997, Seisdedos, 1997) ou desgaste profissional (Moreno-Jiménez, Garrosa & González, 2000) em alguns estudos espanhóis. No Brasil, encontramos também a referência à neurose profissional ou neurose de excelência (Stella, 2001), ou síndrome do esgotamento profissional (Moraes, 1997), o que confunde e muitas vezes dificulta um levantamento de pesquisas na área.

Além desses, alguns livros começam a chegar ao mercado brasileiro, bem como dissertações e teses, artigos ou capítulos de livros, não se limitando apenas à área da educação, mas abrangendo profissionais da saúde, empresas e família. Aponta-se ainda para inúmeras comunicações científicas como as mencionadas acima, dentre outras fontes.

Tais levantamentos apontam para a temática do artigo de revisão no sentido de que a doença ainda se mostra como uma ilustre desconhecida em nosso meio. À exceção de Goiânia, são desconhecidos estudos sobre o tema, embora concorde que eles possam existir no interior do Estado. A temática começou a ser discutida no curso de Pedagogia vinculado pela UEG, em Quirinópolis em 2007, perfazendo já duas turmas onde os futuros profissionais demonstram perplexidade frente à realidade dos educadores. O trabalho ganhou em 2008 o status de pesquisa acadêmica e está sendo desenvolvido em todo o município com professores das redes estadual, municipal e particular que atuam desde a pré-escola até o Ensino Superior. A seguir, o artigo dispõe as principais definições do problema até aqui introduzido, de maneira a propor alguns aprofundamentos desta compreensão.

Definindo o burnout

Definir doenças localizadas e que não sofrem mutações situacionais é algo dotado de certa simplicidade; a complicação científica está em acertar o foco de problemas como HIV, câncer e burnout que tendem à mutação orgânica nos dois primeiros e de estrutura emocional no último caso. Outro fator é a evolução dos estados de saúde e doença nas sociedades nacionais, tendo em vista que a evolução humana se dá por

meio de relações políticas e, portanto, de poder e coerção, de maneira que é nesta observação que reside a origem e a formulação do conceito dessa síndrome, pelo menos de acordo com esta investigação no campo das “políticas públicas” no Brasil.

A luta por vagas e educação gratuita foi uma questão emergente nos países latinos como o Brasil nos últimos dois séculos. Se isso hoje é considerado conquista, ou seja, democratização do Ensino público, insurgem-se em tal contexto, problemas como trabalhar com o *todos*, inclusão, era hi-tech, que trouxeram para a educação novas formas de se compreender o papel do professor e da própria escola no contexto nacional e mundial¹. Disciplinas novas, desinteresse do aluno, violência e assédio a professores, exigências do ensino privado, baixos salários, greves entre um turbilhão de outros fatores, formularam um estereótipo educacional de difícil manutenção. De acordo com pesquisa da Isma-BR, indica-se que 26% dos professores brasileiros sofrem de “burnout”.

No âmbito educacional, fala-se hoje de necessidades individuais, atendimento ao aluno em particular, aula show, dinamismo e até em “super-profissionais” da educação. Todas essas exigências aliadas a fatores históricos, econômicos e sociais específicos contribuem para o que a Dra. Hilda (Alevato, 2004, p. 4) da Universidade Veiga de Almeida irá chamar de “processo coletivo de adoecimento”, situado nas bases sociais e políticas que acabaram por gerar uma ‘falência da centralidade de transmissão’ e execução de funções.

A primeira definição a ser evocada é de cunho lingüístico e trata a síndrome como “um anglicismo que corresponde ao termo antigo, mas ainda bastante descritivo, que é a ‘estafa’” (BITTENCOURT, 2006, p. 35). Esse termo designa o ponto em que o foguete lançado fica sem combustível, mas continua voando apenas pela inércia; uma completa exaustão física, mental e emocional (Lohmann apud Bittencourt, 2006). Uma pesquisa realizada em 1998 pela UnB referiu-se ao tema da seguinte forma: “26% dos professores ‘queimaram todo o gás’”. Para Hilda Alevato, (2004, p. 6):

Burnout é uma síndrome [ela não concebe burnout como doença, mas ameaça à saúde que inspira cuidados médicos e psicológicos] ainda pouco explorada por nossos médicos; de diagnóstico relativamente simples, apesar da complexidade dos sintomas, burnout é um estado de sofrimento psicológico resultante do trabalho, especialmente daquelas profissões que implicam relações afetivas. [...] uma espécie de desistência forçada, na qual o sujeito se vê impotente e conflituado, lutando para sustentar a auto-estima de um fracasso que não consegue explicar, nem enfrentar.

Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) desenvolvem três manifestações ou formas da síndrome: Exaustão emocional, 1. falta de energia, entusiasmo e um intenso esgotamento pessoal; 2. despersonalização, em que o indivíduo passa a tratar os clientes, colegas e a organização como meios e não fins; 3. baixa auto-estima e realização pessoal e no trabalho; além de insatisfação profissional. Para Manassero et al. (1995) a Síndrome pode ser caracterizada por meio de três dimensões: psicossocial, organizacional e histórica. Por sua vez, Pichon-Riviére (1991, p. 5) irá fazer uma breve análise dos estressores que originam o distúrbio coletivizado resultante da busca de uma predispo-

¹ Um estudo feito entre professores que decidiram não retomar os postos nas salas de aula no início do ano escolar na Virgínia, Estados Unidos, revelou que entre as grandes causas de estresse estava a falta de recursos, a falta de tempo, reuniões em excesso, número muito grande de alunos por sala de aula, falta de assistência, falta de apoio e pais hostis. Em uma outra pesquisa, 244 professores de alunos com comportamento irregular ou indisciplinado foram instanciados a determinar como o estresse no trabalho afetava as suas vidas. Estas são, em ordem decrescente, as causas de estresses nesses professores: políticas inadequadas da escola para casos de indisciplina; atitude e comportamento dos administradores; avaliação dos administradores e supervisores; atitude e comportamento de outros professores e profissionais; carga de trabalho excessiva; oportunidades de carreira pouco interessantes; baixo status da profissão de professor; Falta de reconhecimento por uma boa aula ou por estar ensinando bem; alunos barulhentos; relação com os pais (WKP).

sição coletiva à “quantidade social” (todos os serviços e inclusive a educação na mão de todos e para todos):

[...] ao fator insegurança frente à sua tarefa, acrescenta-se a incerteza diante das mudanças políticas, sendo ambos sentimentos que repercutem no contexto familiar, onde a privação tende a se globalizar. O sujeito se vê impotente no manejo de seu papel, e isto cria um baixo limite de tolerância às frustrações, em relação ao seu papel de aspirações. [...] Essa depressão neurótica ou neurose de fracasso submerge o sujeito num processo regressivo para posições infantis.

Codo e Vasques-Menezes (1999) irão definir burnout como a “síndrome da desistência”. Se fosse possível renomear burnout uma das nomenclaturas seria a de “síndrome da reclamação”, mas aí o leitor poderia se perguntar se todos os que reclamam (do trabalho, da família, da escola, etc) estão acometidos pela síndrome e esta pesquisa diria que a princípio não, mas em frases como: “só continuo nesse casamento por causa de nossos filhos”, “aqui não adianta fazer nada mesmo, os alunos quebram tudo”, “só estou na educação por causa dos alunos”, “aos finais de semana, não tenho ânimo para sair e quando vai chegando Domingo à noite, eu começo a passar mal e fico tensa”, é possível notar que se trata de um agravamento do ato de reclamar, e isso vai se materializando. Então poderíamos dar nossa definição de burnout como o ato contínuo de exclusão ou ataque da própria realidade do indivíduo por ele mesmo². Tais expressões ficam ainda mais claras no depoimento desta professora à *Folha de São Paulo* em 1998:

“Sinto-me impotente ao lidar com os alunos, pois é algo semelhante a remar contra a maré. Às vezes é possível observar algum esforço por parte de alguns, mas não há retorno, pois as deficiências de aprendizagem e as barreiras são muito grandes. No total de alunos, 50% são totalmente apáticos, os outros 50% até têm esforço, mas não possuem base, não absorvem. Não vejo resultado em meu trabalho, sendo que os alunos da noite conseguem ser ainda piores. Estou sendo muito sincera, não consigo encontrar nenhum tipo de satisfação no magistério, se existir alguma, é quase desprezível. Trabalho apenas por obrigação. Ao sair para o trabalho, consigo perceber apenas o sentimento de obrigação, é como o gado que sai para pastar e depois volta para casa”.

Conforme já fora mencionado, nem sempre é simples estabelecer e reunir todas as informações para se formular um diagnóstico que englobe sintomas e causas precisos; de modo que o artigo passa agora a apontar alguns dos sintomas mais citados entre os especialistas.

O burnout e sua identificação

Conforme se trabalhou acima, identificar o burnout não é tão complexo quanto tratá-lo adequadamente. Freudenberger (1974) descreve sintomas como impaciência e grande irritabilidade, sensação de onipotência, paranóia, cansaço emocional e desorientação. Os pesquisadores Caballero e Millán (1999, p. 161) trabalham quatro sintomas de natureza específica:

² Segundo Edelwich e Brodsky (1980), os professores apresentam burnout quando gastam muito tempo de seu intervalo denegrindo alunos, reclamando da administração, arrependendo-se de sua escolha profissional e planejando novas opções de trabalho.

1. Fisiológica: falta de apetite, cansaço, insônia, dor cervical, úlceras; 2. Psicológica: irritabilidade ocasional ou instantânea, gritos, ansiedade, depressão, frustração, respostas rígidas e inflexíveis; 3. De conduta: expressões de hostilidade ou irritabilidade, incapacidade para poder concentrar-se no trabalho, aumento das relações conflitivas com os demais colegas, chegar tarde ao trabalho ou sair mais cedo, estar com frequência fora da área de trabalho e fazer longas pausas de descanso no trabalho; 4. Outros: aumento do absenteísmo, apatia face à organização, isolamento, empobrecimento da qualidade do trabalho, atitude cínica e fadiga emocional, aumento do consumo de café, álcool, barbitúricos e cigarros.

Guimarães e Cardoso (2002, p. 2) fazem alusão à fadiga ou esgotamento emocional, acompanhada de um sentimento de incompetência profissional e insatisfação no emprego, além de problemas de concentração, irritabilidade e negativismo, sendo que o principal indicador seria o agravamento do estado emocional por um período de vários meses, podendo ser observado por variados grupos de pessoas, tais como colegas, supervisores e outros. Gutiérrez (2000) não foge da perspectiva de Caballero e Millán, quando propõe cinco características da síndrome:

1. um predomínio de sintomas como cansaço mental ou emocional, fadiga e depressão; 2. a evidência pode ser vista em um sintoma mental ou de conduta mais do que em sintomas físicos; 3. os sintomas estão relacionados com o trabalho; 4. os sintomas se manifestam em pessoas "normais" que não sofriam anteriormente de nenhuma alteração psicopatológica; 5. se pode observar uma redução da efetividade e do rendimento no trabalho.

Garcés de Los Fayos (2000, p. 33) aponta para três seguimentos afetados pelo burnout: O psicológico (problemas somáticos, atitudes negativas contra si mesmo, depressão, culpabilidade, raiva passiva, estado constante de aborrecimento, intolerância e abuso de antidepressivos³); o contexto organizacional (diminuição do rendimento, falar mal do chefe, dos colegas e da instituição; irreverência, inadaptabilidade, abandono do posto ou trabalho, atrasos consecutivos, ou pausas longas, falta de compromisso); e por fim a atitude ambiental ou de depreciação da vida, do sistema humano, do sentido de existência.

McCornnell (1982 Apud Guimarães; Cardoso, 2002, p. 4) trabalha além do aspecto psicológico e físico, a questão das influências na conduta: “nos sintomas de conduta: existem graves alterações no comportamento que usualmente afetam os colegas, pacientes e inclusive seus próprios familiares”.

Em seu artigo “A síndrome de Burnout e o trabalho docente”, Carlotto (2002, p. 2) faz menção aos prejuízos específicos que se desenvolvem em quem contrai a síndrome: não-criatividade no planejamento de aula, tornando-se este menos freqüente e cuidadoso; perda de entusiasmo e criatividade e menos simpatia pelos alunos; sentir-se facilmente frustrado pelos problemas ocorridos em sala de aula ou pela falta de progresso de seus alunos; distanciamento e hostilidade em relação a administradores e familiares de alunos; desenvolvimento de visão depreciativa com relação à profissão, além de atitudes auto-depreciativas e em alguns casos, o indivíduo se mostra arrependido de ter ingressado na profissão, fantasiando ou planejando seriamente abandoná-la; sendo este conhecido como “síndrome da desistência”.

Ao se referir aos fatores de personalidade, Farber (1991 apud CARLOTTO, 2002, p. 3) entende que a síndrome afeta, sobretudo, aqueles professores ditos idealistas e entusiasmados com sua profissão, pois sentem que têm alguma coisa a perder. Os mais vulneráveis são os profissionais com menos de 40 anos de idade, provavelmente devido

³ Soderfeldt et al. (1995) também relacionam burnout ao consumo de álcool e até drogas entorpecentes.

às expectativas irreais em relação à profissão. “Estes professores são comprometidos com o trabalho e envolvem-se intensamente com suas atividades, sentindo-se desapontados quando não recompensados por seus esforços”.

A pesquisa de Farber aponta ainda que professores do sexo masculino são mais suscetíveis ao problema, mas que quanto maior a idade e tempo de experiência educacional (Cf. FRIEDMAN, 1991), menores são os riscos de se desenvolver o burnout. Já na pesquisa desenvolvida por Schwab e Iwanicki (1982) e Woods (1999), “professores de ensino fundamental e médio apresentavam mais atitudes negativas em relação aos alunos e menor frequência de sentimentos de desenvolvimento profissional do que os professores do ensino infantil” (apud Ib).

Ballone (2007), escrevendo para o site psiqweb, traça sete características do burnout, sem contudo especificar elementos relacionados aos educadores:

1. Esgotamento emocional, com diminuição e perda de recursos emocionais; 2. Despersonalização ou desumanização, que consiste no desenvolvimento de atitudes negativas, de insensibilidade ou de cinismo para com outras pessoas no trabalho ou no serviço prestado; 3. Sintomas físicos de estresse, tais como cansaço e mal-estar geral; 4. Manifestações emocionais do tipo: falta de realização pessoal, tendências a avaliar o próprio trabalho de forma negativa, vivências de insuficiência profissional, sentimentos de vazio, esgotamento, fracasso, impotência, baixa autoestima; 5. É freqüente irritabilidade, inquietude, dificuldade para a concentração, baixa tolerância à frustração, comportamento paranóides e/ou agressivos para com os clientes, companheiros e para com a própria família; 6. Manifestações físicas: Como qualquer tipo de estresse, a Síndrome de Burnout pode resultar em Transtornos Psicossomáticos. Estes, normalmente se referem à fadiga crônica, freqüentes dores de cabeça, problemas com o sono, úlceras digestivas, hipertensão arterial, taquiarritmias, e outras desordens gastrintestinais, perda de peso, dores musculares e de coluna, alergias, etc; 7. Manifestações comportamentais: probabilidade de condutas aditivas e evitativas, consumo aumentado de café, álcool, fármacos e drogas ilegais, absenteísmo, baixo rendimento pessoal, distanciamento afetivo dos clientes e companheiros como forma de proteção do ego, aborrecimento constante, atitude cínica, impaciência e irritabilidade, sentimento de onipotência, desorientação, incapacidade de concentração, sentimentos depressivos, freqüentes conflitos interpessoais no ambiente de trabalho e dentro da própria família.

De um modo geral, os sintomas apresentados variam de acordo com as especificidades de cada profissão, mas dentro do que fora apresentado, os aspectos psicológico, organizacional e comportamental são os principais focos de desenvolvimento da doença. Desse modo, a pesquisa passa agora a classificar quais são as causas comuns à síndrome.

Causas apontadas

A determinação das causas ou agentes causais do burnout passa por uma linha tênue entre a política e a profissão. Se muitos especialistas apontam a relação aluno-professor, é preciso ainda considerar que o agravamento de tal relação se dá por fatores externos a ela como, por exemplo, a questão da autoridade do professor na escola e a importância a ele atribuída na sociedade, a formação de valores familiares de cada aluno em particular, às tarefas desnecessárias ou não relacionadas à essência da profissão (e específico dos pais). É possível ainda apontar: “A falta de autonomia e participação nas definições das políticas de ensino tem mostrado ser um significativo antecedente do burnout. Estas questões, somadas à inadequação salarial e à falta de oportunidades de promoções, têm preocupado pesquisadores” (Carlotto, 2002, p. 3). A esses fatores,

deve-se ainda crescer a falta de estrutura física, laboratorial e a distribuição coerente de tarefas e atividades extracurriculares.

Embora se reconheça entre os que estudam a síndrome que as causas são sempre externas (não orgânicas num primeiro momento), existe no fator psicológico elementos que são comuns aos que desenvolveram a doença, dentre os quais se destaca o fator “isolamento profissional”. No caso de professores, diante da “solidão” da sala de aula, ou do não sentir-se incluído em todos os processos de gerenciamento da empresa (escola), o que gera o sentimento de exclusão do processo, o indivíduo vê o seu trabalho como sem significado para tal contexto e acaba sendo tomado por certa apatia em relação ao meio.

Freqüentemente sintomas como desejar férias, ansiar pelo fim do turno, pela aposentadoria, querer viajar para estar fora de casa, falar mal do chefe e em casos extremos desejar a eliminação dessas figuras, são confundidos com causas do burnout. Nesse caso, as causas estariam presentes no indivíduo afetado e não no meio como mostraram os estudos a que se fez menção; dessa maneira, tais sintomas surgem em função de um aspecto que merece atenção especial chamado “autoridade”.

Autoridade e burnout

Já foi dito que o burnout se desenvolve em ambientes de forte pressão sobre o indivíduo. Essa “pressão” seria uma forma arbitrária de se aplicar o poder. O poder está na base política de qualquer tipo de relação entre humanos e animais de modo a salvaguardar a ordem. A autoridade, nesse caso, assume pelo menos três formas: a normativa, retributiva e a coercitiva, sendo que alguns tipos de autoridade são exercidas apenas coercitivamente, impedindo a liberdade criativa ou argumentativa.

Para Fiedler (apud ALEVATO, 2002, p. 63) o líder é isoladamente o elemento mais importante sob os aspectos de influência à realização de uma equipe, sendo que tal influência é amplificada durante momentos de crise. Do mesmo modo que os clientes de uma empresa a vêem personificada em seus atendentes, os funcionários têm como empresa a figura do chefe. A Dra. Hilda (op. cit.) aponta a questão da centralidade do poder e/ou da autoridade na realização do chefe, na realização do funcionário, no desenvolvimento da empresa. Para a professora, as duas primeiras formas de autoridade só devem existir em função da terceira, sem, contudo, tornar os indivíduos coisas (reificação) ou máquinas em função da produção que, nesse caso, seria o conhecimento.

A condução do processo administrativo requer, portanto autoridade (carisma, visão e metas) e neste ponto reside o erro de algumas empresas/escolas que conferem poder como se estivessem conferindo autoridade. Para Hilda (Ib), ter autoridade é ter poder, mas nem sempre esse contrário é válido, pois se o poder não for aceito pelo grupo, passa a ser visto ou praticado como arbitrário; e é nesse ponto que aparecem as síndromes. Ultimamente empresários do ramo da educação que compram franquias e passam a trabalhar e exercer sua autoridade em função de metas mensais ou semanais têm construído sistemas de metas e cobrança que em pouco tendem a esgotar o funcionário, que acaba por depreciar-se com relação às inatingíveis expectativas da empresa, demitindo-se ou sendo demitido.

De mesmo modo que a pressão e cobrança afetam o indivíduo, empresas onde a “palavra oficial” não é comunicada geram incertezas, desencontros e atrasos de planejamento: “a pressuposição de que cada um já sabe por si mesmo o que é esperado dele, e que lhe caibam as decisões a cerca do melhor a ser feito, sacrifica a qualidade do produto” (Ib, p. 66). Todavia, o problema atual da autoridade pode estar alocado no ambíguo conceito de liberdade como “poder burlar a autoridade”, noção esta que é cada vez mais comum entre estudantes de todos os níveis de ensino.

Historicamente, temos diversos exemplos de educação autoritária nos âmbitos religioso (Idade Média) e militarista (ditadura); esses, embora roboticamente eficazes,

traziam o estigma de uma obediência centrada no medo e não na virtude e em certos valores éticos. Tal modelo não perdura mais, e quanto mais rígido ou ríspido o professor, menos respeito, mais dissimulação e assim, indisciplina. A autoridade autoritária, que usa meios como a nota, a reprovação, advertência, faltas e coerção, não cabem mais nem são aceitos entre os discentes. Nenhuma forma de autoritarismo ou totalitarismo encontram mais apoio pedagógico. De La Taille (1999, p. 10) irá afirmar que “a obediência nem sempre deriva de uma relação de autoridade, podendo ser estabelecida por coação, por medidas punitivas, o que reforça cada vez mais a heteronomia dos alunos [e até atitudes desafiadoras, boicotes, etc]”.

A punição pode então gerar situações como a repetição provocativa do erro pelo estudante, o respeito forçado e improdutivo da sala e a revolta coletiva. Percebe-se a necessidade de uma afetividade maior em sala de aula e uma forma de evitar a indisciplina como fomentada pelo autoritarismo. Cada turma em um “caminho das pedras” ou seja, um estilo individual, coletivo e grupal. A autoridade do professor é legítima na relação pedagógica. Isto ocorre porque o professor possui um saber, um conhecimento ‘interativo’ e mediador, sendo ele o responsável pela construção de um ambiente propício à aprendizagem, o que lhe confere certo poder.

Furter (1979; VINHA, 2000) entende que o erro não está na presença da autoridade, mas no abuso do poder ou no uso descontrolado deste, já que a autoridade se funda na liberdade e respeito à real condição de aprendizado do outro, no carisma do docente e em sua capacidade de interação como o afirmado anteriormente (aliança e não coerção). No momento em que a autoridade passa a ser arbitrária perde todos os seus pressupostos. Assim, autoridade está relacionada ao planejamento, objetivos claros, metodologia variada, carisma, formação do pensamento e da crítica; silêncio não é sinônimo de autoridade, nem de rendimento escolar. Entretanto, muitos professores têm dificuldade de abandonar a postura de centro. O mesmo pode ser dito com relação às coordenações e direções autoritárias e não planejadas.

Por fim, Guzzoni (1995) expressa que só haverá condição de autoridade se houver propósitos claros na interação, percepção dos papéis e das atribuições; hábitos e regras claras de convivência; além de um compromisso genuíno com o processo pedagógico. Desse modo a pesquisa passa agora à análise do fenômeno associado ao burnout conhecido como “síndrome do abandono” que nessa abordagem é visto como uma aparente solução ou ‘saída’ para a atual crise de sentido na educação.

A Síndrome do Abandono

A “síndrome do abandono”, conforme o artigo já apontou, seria vista entre os especialistas como uma possível fuga ou solução às situações de crise pessoal ou coletiva. No momento em que o indivíduo se vê estressado, sem ânimo de ir à escola ou de preparar aula(s) e preencher diários, além das atividades, tarefas, projetos e eventos, a única, mas difícil solução a ser tomada é pedir afastamento, abandonar o posto ou resistir e sucumbir organicamente aos problemas.

Fatores como carga horária excessiva, greves por melhores salários e ausência de uma política nacional de revalorização de professores caracterizam a profissão professor como um contínuo ‘trabalho de Hércules’⁴. São alunos indisciplinados, pais distantes, escolas sem estrutura ou politicamente incorretas, excesso de crianças em sala, quebra da autoridade. Tais questões se dão sobretudo no ensino público, já que no particular, existem exigências e traumas específicos que são em ambos os casos amplificados pelo fato de muitos docentes terem escolhido esta profissão como segunda opção:

⁴ Filho de Zeus e Alcmena, Hércules é personagem da mitologia grega, símbolo do homem em luta contra as forças da natureza. Desde que nasceu teve de vencer as perseguições de Hera. Aos oito meses de vida estrangulou com as mãos duas serpentes que a deusa mandou ao seu berço para o matarem. Quando homem, sobressaiu-se pela sua enorme força.

“Ser professor era a escolha possível no início da vida profissional. Tornar-se professor aparece, na maioria dos relatos, como a alternativa possível e exequível do sonhar-se médico (a), advogado (a), arquiteto (a), veterinário (a) etc” (Lapo; Bueno, 2003).

Acuados, os professores acabam tendo de procurar outro caminho financeiro, isso quando mantêm a profissão docente como complemento de renda, o que é apontado a seguir como um fator que amplia as dificuldades:

[...] insatisfação dos professores no magistério, um tema que tem sido objeto de estudo cada vez mais freqüente nos últimos anos, tanto no Brasil como em outros contextos. Quer seja entendido como um dos sintomas do chamado "mal-estar docente", conforme expressão cunhada pelo pesquisador espanhol José Manuel Esteve (1992), quer como manifestação das várias formas de esgotamento que afetam os professores, comumente enfeixadas sob a denominação de burnout, os estudiosos são concordes em reconhecer que esse fenômeno é desencadeado por uma multiplicidade de fatores e alimentado tanto pela escola como pela comunidade e a sociedade em geral (Le Compte, Dworkin, 1991 Apud LAPO; BUENO, 2003).

Ao contrário do que se pode intuir, em sua maioria os professores que abandonam ou licenciam-se, são jovens e de pouco tempo em sala de aula. Pelo menos um terço desses profissionais abandonam a profissão dentro dos primeiros quatro anos e 16% o fazem ainda no primeiro ano (NEVES, 1995, p. 51). Mas, para muitos, não é tão simples deixar a profissão de súbito⁵, embora sejam muitas vezes aconselhados por psicopedagogos e outros especialistas:

A ruptura total e definitiva dos vínculos estabelecidos com a escola e com o trabalho docente, mesmo quando estes já estão enfraquecidos pelas dificuldades e insatisfações, é muito difícil de ser realizada, como se pôde depreender das narrativas dos professores. A dificuldade de abandonar definitivamente o trabalho se deve a vários fatores [...]. Toda perda é difícil e se torna ainda mais difícil e dolorosa quando está associada ao confronto com as limitações e a sensação de impotência para reverter a situação e manter o que foi conquistado. Nesse sentido, o abandono definitivo será adiado pelo maior tempo possível, para que a sensação de fracasso e de perda também seja adiada. [...] a importância que o dinheiro recebido pelo trabalho tem para a pessoa. Se o professor não consegue outra atividade rentável, que garanta a sua sobrevivência e a de sua família, ele dificilmente deixará definitivamente o trabalho, por mais insatisfeito que possa estar (LAPO; BUENO, 2003).

São muito comuns os chamados “abandonos temporários”, seja por faltas, cursos fora da região, licenças e outros. Há também os que preferem pedir remoção de uma escola para outra, de uma cidade para outra e assim por diante. Isso se justifica pela “possibilidade de se transferirem de escola sem perderem o vínculo de emprego com o estado” (Lapo; Bueno, 2003) como relata a professora a seguir. A instabilidade em uma escola apenas é decorrente do stress, discriminação ou não-adaptação:

Foram mais ou menos sete [...] oito escolas e na nona escola, essa última onde eu estava, eu me exonerei para ocupar esse cargo técnico que eu tenho aqui no instituto. [...] O professor, às vezes, muda porque não se sente bem trabalhando naquela escola, não se sente bem integrado, então ele muda para uma outra escola. Essa é uma conveniência, digamos, política, mas que eu reconheço como um direito dele

⁵ De acordo com Esteve (1992), o abandono docente “tem como última opção um gesto de sinceridade: o abandono real da profissão docente”. Um último gesto, uma última ação que exige força e vontade, que exige a superação de medos e inseguranças. Uma última ação que representou, para os professores deste estudo, a solução encontrada para um processo de conflitos e insatisfações constituído lentamente durante seus percursos profissionais, o desfecho inevitável de um processo que há muito vinha se desenvolvendo.

de mudar... Se você não se sente bem em uma escola, você tem direito de mudar. (Sílvia, 50a, 13rp Apud LAPO; BUENO, 2003).

Existem também os profissionais que abandonam ou trocam de escola pela perspectiva de comodidade ou até segurança, tentando assim fugir de situações, ambientes ou grupos desagradáveis; ou ainda para ficarem próximos à sua residência. Sejam quais forem os motivos, o fato é que a profissão professor passa hoje por uma grande crise de sentido; esse “mal estar docente” não tem escolhido pessoas, setores ou países, é um fenômeno mundial e preocupante:

[...] uma pesquisa realizada recentemente com professores da Inglaterra — onde, nunca é demais lembrar, os salários são em média quatro vezes maiores que os daqui — mostra que o estresse é a terceira causa de abandono da profissão. Pelo menos 53% dos britânicos planeja se aposentar ou mudar de carreira num futuro muito próximo. Os problemas mais sérios aparecem no Ensino Fundamental: 26% querem deixar de dar aulas em cinco anos, 51% em dez e 71% em quinze (ZENTI, 2000).

Uma pesquisa realizada pelo Isma-BR (International Stress Management Association no Brasil) apontou que:

[...] no índice de “burnout” o Brasil só perde para o Japão. Os japoneses lideram disparados o ranking entre os locais pesquisados: cerca de 70% dos trabalhadores vivem em estado de exaustão física e mental. Segundo colocado, o Brasil registra cerca de 30%. O índice no país é o mesmo apontado por uma pesquisa do Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília, divulgada há 15 dias, que revelou que 30% dos professores de escolas particulares do Brasil sofrem da síndrome de “burnout” (*Folha de São Paulo*, 30 Jun. 02).

Conforme se verificou, o setor da educação tem sido bombardeado por situações diversas que acabam por provocar, dentre as muitas doenças da atual sociedade, a Síndrome de Burnout. O professor acaba percebendo que a profissão docente se tornou “de auto-risco”: “a atitude mais freqüente, dadas as atuais expectativas de emprego, é a de manter mais ou menos assumido o desejo de abandonar a profissão docente, porém, sem chegar a um abandono real, recorrendo então a diferentes mecanismos de evasão dos problemas cotidianos” (ESTEVE, 1992). É preciso, contudo denunciar ao final deste artigo que a “onda neoliberal”, que adota a lógica da produtividade exacerbada, colocando deveres e obrigações sobrepostos aos direitos do profissional da educação, acabou por gerar no docente a sensação de que ele é o responsável pelo “fracasso escolar”. Ao final deste artigo, levanta-se a seguinte reflexão sobre tal questão:

A culpa da falta de disciplina nas escolas [dentre outros fatores] definitivamente não é do professor. Ele é apenas uma vítima. O caso requer uma verdadeira cruzada das autoridades ligadas à Educação e da sociedade acreana, se se não quiser que, muito em breve nossos alunos não comecem a agir, de forma marginal, como age hoje parte dos estudantes das regiões pobres das grandes cidades brasileiras (BORGES, 2005).

Referências Bibliográficas

ALEVATO, H. Estresse, burnout e cotidiano escolar: novos desafios para a educação básica. *Revista do ISEP*. n. 2, v. 2, Abr. 2004. Disponível em: <www.isep.com.br/template.asp?include=pub_04.asp>. Acesso em: 28 Set. 07.

ALEVATO, Hilda. *Trabalho e Neurose: enfrentamento e tortura de um ambiente em crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quarter, 2002. 144 p.

BALLONE G. J. Síndrome de Burnout in. *PsigWeb Psiquiatria Geral*, Internet, última revisão, 2002. Disponível em: <<http://www.psigweb.med.br/cursos/stress3.html>>. Acesso em: 28 Set. 07.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. O Estado da Arte do Burnout no Brasil. *Revista Eletrônica Interação Psy*, Ano 1, n. 1, Ago. 2003, p. 4-11. Disponível em: <www.saudeetralho.com.br/download_2/burnout-benevides.pdf>. Acesso em: 28 Set. 07.

BITTENCOURT, R. Qualidade de vida: cansaço com hora marcada, in: *Revista Aprende Brasil*. Abr./Mai., 2006.

BORGES, Cleber. Sala de aula? Tô fora! (Opinião). Página 20, Rio Branco, 21 Mai 2005. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/pagina20/21052005/opinioao.htm>>. Acesso em: 17 Out. 07.

CABALLERO, L. & MILLAN, J. (1999). La aparición del síndrome del Burnout o de estar quemado. *Bulleti bimestral de comunicació interna*. Secretaria General d'administració i funció Pública, 2, Abril.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de Burnout e o trabalho docente. *Psicol. estud. Maringá*, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Out. 07.

CHENISS, C. (1980) Staff Burnout: job stress in the human services. *Beverly Hills- British Journal of Social Work* (1981).

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout? Em W. Codo (Org.). *Educação: Carinho e trabalho* (pp. 237-255). Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DE LA TAILLE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. in: AQUINO, J. G. (org.) *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. 9 ed. São Paulo: Summus, 1999. pp. 9-23.

EDELWICH, J. & BRODSKY, A. *Burnout: stages of disillusionment in the helping profession*. New York: Human Sciences Press, 1980.

ESTEVE, J. M. *O Mal-Estar docente*. Lisboa: Escher/ Fim de Século, 1992.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>>. Acesso em: 10 Ago. 08.

FREUDENBERG, H.J. Staff burn-out. *Journal of Social Issues*, 1974, vol. 30 (1), 159 - 165.

FRIEDMAN, I. A. (1991). High and low burnout schools: school culture aspects of teacher burnout. *Journal of Educational Research*, 84, 6, 325-333.

GARCÉS DE LOS FAYOS, E. (2000). *Tesis sobre el Burnout*. Tesis para optar al grado de Doctor en Psicología, Universidad de Barcelona. Solicitado a: Psiquiatria.com.

GUIMARÃES, Liliana A. M. & CARDOSO, Wilma Lucia C. D. *Atualizações sobre a síndrome de burnout*. (2002).

Disponível em: <www.debas.faequil.br/~wilcar/BURNOUT-editado.doc>. Acesso em: 13 Fev. 6 p.

GUTIÉRREZ, J. (1999). Estrés en los trabajadores de la salud. *British American Journal*.

Disponível em:

<<http://www.opas.org.br/gentequefazsaude/bvsde/eswww/fulltext/repind61/ps/ps.html>>

Acesso em: 13 Fev. 6 p.

GUZZONI, M. A. *A autoridade na relação educativa*. São Paulo: Annablumme, 1995.

JESUS, S. N. *A Motivação para a profissão docente*. Coimbra, 1995. Tese de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

LAPO, Flavinês Rebolo & BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cad. Pesqui.* São Paulo, n. 118, 2003.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Out. 2007.

MANASSERO, M. FORNÉS, J. FERNÁNDEZ, M. VÁZQUEZ, A. & FERRER, V. (1995). Burnout en la Enseñanza: Análisis de su influencia y determinantes. *Revista de Educación Española*, 308, 241-266.

MASLACH, C. & LEITER, M. P. (1999). Take this job and... love it. *Psychology Today*, 32, 50-57, 1999.

Disponível em: <<http://www.gmtoday.com/content/LSW/2005/January/63.asp>>. Acesso em: 28 Set. 07.

MASLACH, C. SCHAUFELI, W. & MAREK, T. (1993). "Professional Burnout", *Recent Development in Theory and Research*. Taylor & Francis.

PICHON-RIVIÈRE, E. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHAUFELI, W. & ENZMANN, D. *The burnout companion to study and practice a critical analysis*. Londres, Taylor & Francis, 1998.

SODERFELDT, M., SODERFELDT, B.; WARG, L. E. (1995). Burnout in social work.

Social Work, 40, 638-646.

Disponível em: <<http://www.debas.eel.usp.br/~wilcar/SINDROME%20DE%20BURNOUT%20-%20AULA.doc>>. Acesso em: 28 Set. 07.

WKP. Enciclopédia on-line. Disponível em: <pt.wikipedia.org>. Acesso em: 10 Ago. 08.

VINHA, T. P. *O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista*. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

ZENTI, Luciana. *Aprenda a relaxar: controlar o estresse do dia-a-dia vai aumentar seu rendimento e ajudá-lo a viver melhor*.

Disponível em: <http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/132_mai00/html/cresca.htm>.

Acesso em: 28 Set. 07.